

O ESTUDO DA TEORIA DA GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO NA SEGUNDA GUERRA DO GOLFO (2003)

THE STUDY OF THE FOURTH GENERATION WARFARE THEORY IN THE SECOND GULF WAR (2003)

LUIZ PAULO GOMES PIMENTEL¹

TOMAZ ESPÓSITO NETO²

RESUMO

O estudo da guerra clássica desenvolvido por Clausewitz influenciou a formulação de doutrinas de emprego militar por quase dois séculos e passa por fortes questionamentos desde o fim da Guerra Fria. Teóricos observam o fim do Paradigma Clausewitziano e buscam uma atualização do conhecimento sobre a guerra. Dentre as diversas novas teorias, tem-se a Teoria das Gerações de Conflitos, descrita por Willian Lind em 1989. Esta pesquisa propõe-se a analisar a aplicabilidade desse modelo teórico, mais precisamente quanto à verossimilhança de um dos seus tópicos, a chamada Quarta Geração de Conflitos Armados, em relação à realidade das guerras ocorridas após o fim da Guerra Fria. A metodologia empregada será o teste teórico de Conflitos de Quarta Geração para um estudo de caso da Segunda Guerra do Golfo de 2003, para, findo este trabalho, verificar se a teoria em questão é consistente o suficiente para a aplicação na definição das novas doutrinas de emprego das Forças Armadas.

Palavras-chave: Clausewitz. Guerra de Quarta Geração. Segunda Guerra do Golfo. Iraque. RAM.

ABSTRACT

Classic War`s Studies by Clausewitz embased military doctrine definitions for almost two centuries, and nowadays has been very criticized since Cold War end. Academics doubt about Clausewitz`s Paradigma and try to update the knowledge about war. Among these new studies, there is The Fourth Generation Warfare Theory, developed by Willian Lind in 1989. This paper aims to analyse how The Fourth Generation Warfare Theory could be applied to describe warfare conflicts after Cold War end. The methodology of this paper is a Fourth Generation Warfare Theory theoretic exam, looking at the Second Gulf War in 2003 with the objective to certify if The Fourth Generation Warfare Theory is a consistant theoretical model to define new doctrines of armed forces applicability.

Keywords: Clausewitz. Fourth Generation Warfare. Second Gulf War. Iraq. Military Affair Revolution.

¹ 17º Batalhão Logístico Leve - Juiz de Fora-MG, Brasil.

E-mail: <luizpaulogpimentel@gmail.com>

Bacharel em Ciências Militares (AMAN).

Graduando em Relações Internacionais (UFGD).

² Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) - Dourados-MS, Brasil.

E-mail: <tomazneto@ufgd.edu.br>

Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP).

I INTRODUÇÃO

A guerra é um fenômeno intrinsecamente ligado à natureza humana. Na descrição da natureza humana, Thomas Hobbes a considerou belicosa desde o estado de natureza (HOBBS, [20--?]). Esse pressuposto hobbesiano foi acompanhado por inúmeros autores, dentre eles o historiador da guerra da Academia Militar de SandHurst do Reino Unido, John Keegan (2006, p. 9), que, de maneira mais profunda e abrangente, escreveu que “a guerra precede o Estado, a diplomacia e a estratégia por vários milênios. A guerra é quase tão antiga quanto o próprio homem”. Com descrições cruentas de relatos de guerra desde a antiguidade clássica até as guerras napoleônicas, seu livro “Uma História da Guerra” discorre por várias páginas sobre o general prussiano Carl Von Clausewitz, descrevendo-o como

um homem de seu tempo, filho do Iluminismo, contemporâneo dos românticos alemães, um intelectual, um reformista prático, um homem de ação, um crítico de sua sociedade e um apaixonado crente na necessidade de mudá-la. Era um observador perspicaz do presente e um devoto do futuro (KEEGAN, 2006, p. 17).

As observações oportunas de Clausewitz sobre as campanhas militares durante as guerras napoleônicas foram consolidadas num compêndio sobre como um país deve se preparar, entrar e lutar numa guerra. Constituíram, também, o principal escopo teórico do estudo da guerra desde então, conhecido como o Paradigma Clausewitziano da Guerra Clássica.

Clausewitz é um dos pensadores estudados nas academias militares – os fatores de decisão a serem considerados pelos comandantes militares de quaisquer escalão são os preconizados por Clausewitz no Livro 5 de Da Guerra - e é o principal formulador dos princípios da guerra clássica. Academicamente, Clausewitz é o principal teórico da guerra clássica moderna e seus postulados

foram aceitos quase unanimemente nos exércitos ocidentais até o fim da Guerra Fria.³

A obra de Clausewitz, entretanto, se assume incompleta (CLAUSEWITZ, [1984?], p. 718). O próprio autor defende que seus pressupostos podem ser modificados ao sabor da nova realidade das relações internacionais. Após quase dois séculos da sua publicação, a realidade internacional modificou-se a tal ponto que justifique as novas observações sobre as guerras, conforme o próprio Clausewitz havia predito ser retificável.

Depois de inúmeras guerras ocorridas, tanto a realidade internacional e a conformação das forças políticas quanto a tecnologia se alteraram a ponto de incluir outras variáveis nas considerações a respeito da guerra e se questionar a validade de algumas das categorias Clausewitzianas. Novas ameaças distintas dos Estados, tais como o terrorismo internacional, as guerras assimétricas, as armas estratégicas e de destruição em massa, as guerrilhas, forças irregulares, o enfraquecimento do Estado Nacional e das soberanias, da comunicação global em massa e em tempo real, por escaparem das previsões iniciais de seu escopo teórico, nublam as certezas das previsões baseadas nos princípios Clausewitzianos sobre como as guerras se procederiam.

Diante da aparente necessidade de retificação do modelo teórico Clausewitziano outras tentativas de redefinir como serão as guerras surgiram sem, contudo, constituir um conjunto teórico unificado. Esse novo momento, guardadas as devidas proporções, pode ser considerado uma Revolução dos Assuntos Militares (RAM), definida como a “reunião de uma combinação complexa de inovações táticas, organizacionais, doutrinárias e tecnológicas para a implantação de uma nova abordagem conceitual em relação à guerra ou a um sub-ramo especializado dela” (KNOX; MURRAY, 2001 apud STEPHENSON, 2010, p. 79).

Dentre os autores que questionaram a utilização do Paradigma de Clausewitz para os conflitos atuais estão Pedro Correia (CORREIA, 2002) e Carlos Eduardo M. Viegas da Silva (SILVA, 2003). Novas temáticas não Clausewitzianas como o terrorismo e os movimentos de resistência foram trabalhados por Alessandro Visacro (VISACRO, 2011), a Guerra Irregular por Gregory Wilcox (WILCOX, 2004), a Guerra Assimétrica e o Terrorismo por Martha Creshaw e a influência da era da informação nas guerras por Carlos Jorge de Oliveira Ribeiro (RIBEIRO, 2012). Contudo, foi Willian Lind (LIND et. al., 1989) quem primeiro reuniu as principais ideias num único argumento, faseado em gerações de guerra, denominado Conflitos de Quarta Geração. Este modelo, mesmo sob as críticas de Antulio Echevarria II (ECHEVARRIA II, 2005) de que é um mero compêndio de concepções anteriores sem nenhuma novidade conceitual, teve maior destaque em revistas especializadas por ser o primeiro, o mais abrangente e ter

previsto com relativo acerto características dos conflitos do pós-Guerra Fria.

Este trabalho tem como objetivo testar o modelo teórico de Conflitos de Quarta Geração. Para tanto, optou-se pelo estudo de caso da Segunda Guerra do Golfo para deduzir se o conflito em questão é típico dessa teoria.

A opção pela Segunda Guerra do Golfo de 2003, também conhecida como Guerra do Iraque de 2003 ou Segunda Guerra do Iraque, justifica-se porque nela constam novos fatores e atores internacionais que inexistiam à época de Clausewitz, tais como a Organização das Nações Unidas, organizações não governamentais, o Direito Internacional Humanitário, as Convenções de Genebra, grandes grupos midiáticos e grupos de insurgência nacionais. Por outro lado, a Segunda Guerra do Golfo também foi um conflito que guardou pontos do antigo Paradigma Clausewitziano, como o protagonismo dos Estados, as motivações políticas e o objetivo militar de derrotar as forças armadas do oponente.

Como em toda guerra, a Segunda Guerra do Golfo desperta curiosidade sobre sua motivação, que teria levado os Estados Unidos a deslocar quase 290 mil militares para o outro lado do globo (PIMENTEL, 2007) a fim de derrubar um governante de um pequeno país. Essa guerra também já foi objeto de trabalho de conclusão de curso deste autor.⁴

Como principal fonte bibliográfica de apoio para o estudo de caso da Segunda Guerra do Golfo, o autor utilizou sítios norte-americanos e árabes de notícias na internet. Subsidiariamente, entrevistas também foram apresentadas no trabalho para corroborar as colocações dos órgãos oficiais norte-americanos e midiáticos.

Além da introdução e das considerações finais, o texto está dividido em duas partes. Aprimeira seção do artigo traça uma trajetória iniciada com o modelo teórico clássico do Paradigma Clausewitziano e sua crise, passando pelo surgimento de novas teorias para a guerra e culminando com a Teoria das Gerações de Conflitos descrita por Willian Lind em 1989.

A segunda seção interrompe a digressão teórica para situar o leitor na Segunda Guerra do Golfo, com uma curta ambientação sobre aquele conflito e, posteriormente, realizar o esforço propulsor desta pesquisa, ao analisar de forma direta se a Teoria dos Conflitos de Quarta Geração encontra respaldo no estudo de caso exposto.

Por fim, nas considerações finais, haverá um breve compêndio da teoria das gerações de guerra, no qual as críticas e os acertos serão os delimitadores da utilidade dessa teoria para as formulações de doutrinas militares, responsáveis por gastos da ordem de 1,5 trilhões de dólares anuais em todo o mundo (STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE, 2010).

4 PIMENTEL, Luiz Paulo Gomes. *A Logística Militar Americana na Segunda Guerra do Golfo. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)*–Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, RJ, 2007.

3 “O pensamento político-estratégico de Clausewitz marcou profundamente a mentalidade militar Ocidental nos séculos XIX e XX” (EVOLUÇÃO..., 2006).

2 DA GUERRA CLÁSSICA À GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO

Entre a época da obra iniciadora do Paradigma Clausewitziano aos dias atuais, podem ser exemplos de parâmetros para situar o distanciamento entre os dois momentos as diferenças tecnológicas entre o início da Era Industrial e a era da informação global, e entre o número de participantes do concerto europeu do Congresso de Viena em 1815 e a quantidade de países-membros das reuniões da Assembléia Geral das Nações Unidas. Assim como observam-se profundas transformações nas áreas de ciência e tecnologia e da política internacional, a guerra também sofreu muitas alterações desde os tempos de Clausewitz.

2.1 O Paradigma Clausewitziano

Carl Von Clausewitz, após larga experiência prática nas guerras napoleônicas e vivenciando o ambiente de profundas transformações econômico-sociais das revoluções industrial e francesa como um homem de seu tempo, elaborou uma descrição das suas observações sobre os conflitos bélicos de sua época. O livro “Da Guerra”, de publicação póstuma, assumidamente incompleto, foi uma tentativa de consolidar o que provavelmente seriam os princípios imutáveis da guerra, pois para Clausewitz, ela segue leis que podem ser universais (CLAUSEWITZ, [1984?], p. 703).

Clausewitz descreveu um modelo teórico de guerra que o próprio reconhece como mutável, e que, segundo ele, o tempo e a situação internacional podem alterar as formas de se preparar e se combater as guerras (CLAUSEWITZ, [1984?], p. 703). Contudo, nos dias atuais, percebe-se que as considerações de Clausewitz acerca das leis gerais e perenes das guerras (CLAUSEWITZ, [1984?], p. 704) também sofreram influências dos progressos tecnológicos e da nova situação política internacional do pós-Guerra Fria.

Clausewitz, como homem de seu tempo, percebia o mundo europeu logo após as guerras napoleônicas dotado de uma realidade fragmentada e de difícil análise da sua completude e desprezou, portanto, de forma consciente as quase infinitas variáveis envolvidas na definição dos objetivos, preparativos e formas de se travar as guerras.

Avaliar estas coisas (variáveis) em todas as suas ramificações e em toda a sua diversidade é simplesmente uma tarefa colossal. Uma avaliação rápida e correta delas exige evidentemente a intuição de um gênio. Dominar toda esta massa complexa de puro exame teórico é obviamente impossível (CLAUSEWITZ, [1984?], p. 693-694).

A repercussão das ideias Clausewitzianas, muito além das citadas neste trabalho, inspirou governantes

e gerais durante as décadas que o sucederam. Os pontos que definem o modelo Clausewitziano foram extraídos dos livros 1 e 8 de *Da Guerra*. Esses dois livros, o segundo uma continuação teórica do primeiro, tratam dos aspectos mais gerais da guerra, mais aproximados de seus contornos políticos do que técnicos da execução bélica.

Os principais pontos do Paradigma Clausewitziano, considerados mais adequados para o presente artigo, são que “a guerra nada mais é que um duelo em grande escala” (CLAUSEWITZ, [1984?], p. 75). No início do século XIX as guerras limitavam-se ao exercício do poderio militar das unidades políticas definidas no Tratado de Vestifália de 1648, isto é, os Estados Nacionais eram os únicos atores admitidos como capazes de promover a guerra e, portanto, antes a serem considerados nos estudos sobre a guerra.

Outra passagem relevante é a afirmação de que “a guerra não é meramente um ato de política, mas um verdadeiro instrumento político” (CLAUSEWITZ, [1984?], p. 91). A visão de Clausewitz associava a guerra a fenômenos exclusivamente políticos pois, sob o ponto de vista do Estado Absolutista até então dominante, todas as atividades advindas da guerra são de proveito estatal e, portanto, político.

A vitória no campo de batalha era determinada pela destruição das forças militares do inimigo, pois segundo Clausewitz ([1984?], p. 105), “de todos os possíveis propósitos existentes na guerra, a destruição das forças armadas do inimigo sempre surge como sendo o mais elevado”. Variando-se apenas em grau, a única vitória final admitida na guerra é a vitória militar. Um dos possíveis objetivos das guerras era negociar termos de paz numa situação favorável, e a mais favorável delas é a destruição dos meios bélicos do inimigo. Guardando-se a devida relação com definição de guerra do próprio Clausewitz, o usufruto da vitória na guerra baseia-se unicamente a “torná-lo [o inimigo] politicamente incapaz ou militarmente impotente, forçando-o assim a assinar qualquer tratado” (CLAUSEWITZ, [1984?], p. 70).

Também deve ser ressaltado o princípio Clausewitziano da batalha ser a única maneira de se travar uma guerra. Sendo a vitória o principal propósito da guerra, não se imaginava, no tempo de Clausewitz, outra forma de alcançá-la senão por meio de batalhas, ou “duelos em grande escala” (CLAUSEWITZ, [1984?], p. 75). Os objetivos das guerras podem ser principais (destruição das forças militares do inimigo) ou secundários (ganhar tempo ou assegurar o acesso a determinada área), contudo todos esses propósitos elencados por Clausewitz são indissociavelmente relacionados a assuntos puramente político-militares.

Essas categorias fazem parte de um conjunto teórico utilizado ainda hoje. Entretanto, já havia novas características e elementos estranhos ao Paradigma Clausewitziano a partir da segunda metade do século XX, tais como a exploração midiática da Guerra do Vietnam, os movimentos de guerrilhas separatistas, insurgências

islâmicas e forças irregulares de oposição ao Estado na Colômbia, o genocídio nos Bálcãs, a transmissão em tempo real de imagens do teatro de operações da Primeira Guerra do Golfo em 1991 e a criação do Tribunal Penal Internacional. Todos esses fatos conformaram um ambiente propício à crença de que cada vez mais os conflitos armados seriam influenciados por fatores que extrapolam as variáveis trabalhadas no Paradigma Clausewitziano e que este não seria mais adequado para os conflitos que sobreviriam.

2.2 A Teoria das Gerações de Guerra e a Guerra de Quarta Geração

Os indícios da falência do Paradigma Clausewitziano coadunam-se à realidade fragmentada do cenário político internacional, a reunificação alemã em 1989, a implosão da União Soviética em 1991, o fim da bipolaridade e as incertezas dos papéis dos países, sobretudo da antiga superpotência capitalista, que conjuntamente expuseram as incertezas sobre as expectativas no campo militar.

Atentos às mudanças e preparando-se para melhor se adequarem a uma realidade que ainda se descortinava, vários centros de estudos militares, como por exemplo o *Strategic Studies Institute* e o *US Army Combined Arms Center – Fort Leavenworth*, ambos do Exército dos Estados Unidos, procuraram sistematizar o conhecimento previamente acumulado sobre a evolução dos conflitos desde o início do Paradigma Clausewitziano.

O novo momento de questionamento do Paradigma Clausewitziano, próprio de uma nova geração de estudiosos dos conflitos do século XXI, foi definido como uma nova repetição da Revolução em Assuntos Militares (RAM) como a vivida por Clausewitz, conceituada como “reunião de uma combinação complexa de inovações táticas, organizacionais, doutrinárias e tecnológicas para a implantação de uma nova abordagem conceitual em relação à guerra ou a um sub-ramo especializado dela” (KNOX; MURRAY, 2001 apud STEPHENSON, 2010, p. 79).

A importância da RAM para os Estados Unidos, por exemplo, implicou em profundas alterações que podem ser dimensionadas pelas consequências citadas por Stephenson (2010, p. 78): “reformulação da doutrina, a reforma das estruturas organizacionais e o dispêndio de grandes quantias em novos sistemas de armas”.

Nesse contexto da RAM, reunindo as principais ideias anteriores num todo lógico e coerente, William Lind descreveu em 1989, em um artigo para a revista *Military Review*, do Exército dos Estados Unidos, o que seria o marco teórico da sua proposta de modelo de conflitos para a nova realidade fragmentada e repleta de incertezas, denominado Modelo das Gerações de Guerra.

Lind apresentou uma proposta de divisão histórica das guerras em quatro gerações distintas, que

se diferenciam quanto ao aparato tecnológico disponível e quanto à relação entre manobra e poder de fogo. A primeira geração da guerra seria a que dispunha as forças militares de dois países em linha, com rígida hierarquia e disciplina, manobras militares a pé, combates corpo-a-corpo e reduzido alcance das armas de fogo. Como exemplo, Lind citou as guerras napoleônicas.

A Primeira Guerra Mundial seria o exemplo da segunda geração de guerras, com o advento do carro de combate, metralhadoras automáticas, aviões e supremacia do poder de fogo em detrimento da capacidade de manobra. A terceira geração de guerras teria sua gênese em algumas operações na Segunda Guerra Mundial, com o emprego de tropas aerotransportadas e anfíbias dotadas de alta mobilidade que acabaram com a linearidade do campo de batalha. Seu artigo culmina com o questionamento de como seria a Guerra de Quarta Geração, mas sem arriscar muitos prognósticos, pois “o propósito deste artigo é de perguntar, e não de responder [...] como será a guerra da Quarta Geração?” (LIND et. al., 1989, p. 26).

Passadas quase duas décadas de tentativas de delimitar o que seria o Conflito de Quarta Geração, Alessandro Visacro (2011) consolidou as ideias levantadas e, respondendo ao questionamento de William Lind, caracterizou o que seriam as Guerras de Quarta Geração de forma mais clara, definida e concisa.

Se, de acordo com o Paradigma Clausewitziano, a guerra é um duelo entre dois países, nas características da Quarta Geração de Guerras há, além da “perda do monopólio estatal sobre a guerra” (VISACRO, 2011, p. 52), a “fragmentação das ameaças, com predomínio de ameaças não estatais [e] ambiente de incertezas e configuração difusa” (VISACRO, 2011, p. 49). Isso acarreta uma mudança de paradigma pois “o conceito de guerra de 4ª geração é esclarecedor e rompe, definitivamente, com o estereótipo, ainda tão arraigado, da guerra como a mera confrontação formal e direta entre duas Forças regulares de Estados Nacionais antagônicos” (VISACRO, 2011, p. 53).

A política perde a finalidade maior em relação à guerra, que deixa de ser uma simples continuação da primeira. O “confronto de identidades culturais locais, moldado por aspectos políticos, econômicos, sociais e ambientais” (VISACRO, 2011, p. 49) ampliou o horizonte de campos a serem considerados no processo decisório pré e pós Guerras. “O conflito armado é visto, simultaneamente, como fenômeno político e social” (VISACRO, 2011, p. 49).

A definição da vitória na Guerra da Quarta Geração não mais se limita ao campo militar. O conceito de vencedores e perdedores numa guerra alcança os aspectos políticos, ambientais, sociais, econômicos e culturais, cujos embates se deram com “ênfase na luta pelo apoio da população” (VISACRO, 2011, p. 49). A vitória militar não significa vitória plena na guerra, pois “aquele que ‘vence’ nos níveis tático e físico pode perder nos níveis operacional, estratégico, mental e moral, onde

se decide a guerra da Quarta Geração” (LIND, 2005, p. 15).

O uso psicológico das vantagens conquistadas na vitória militar passa a ser essencial nas Guerras de Quarta Geração. Hoje a guerra tende a priorizar “os objetivos psicológicos em detrimento dos objetivos físicos” (VISACRO, 2011, p. 52), pois mostra-se mais forte a ligação ou até mesmo eles se mesclam entre objetivos militares e objetivos políticos. O objetivo maior da guerra, além dos alvos militares, é “auferir resultados psicológicos [e] afetar a opinião pública” (VISACRO, 2011, p. 54). Cabe uma ressalva ao que seria opinião pública, definida aqui como conjunto dos posicionamentos e conseqüente pressão social e política sobre os agentes decisórios, se possível com utilização do “espaço na mídia e aceitação popular” (VISACRO, 2011, p. 54).

Um dos objetivos da guerra clássica é negociar os termos litigiosos numa situação política favorável, com o máximo de pressões políticas a seu favor, sendo a mais favorável dessas condições advinda unicamente da destruição das forças militares do inimigo, de acordo com o Paradigma Clausewitziano. Assim sendo, nesse paradigma somente a guerra pode demover o inimigo de suas posições políticas e forçá-lo a mudar seus interesses. Numa concepção moderna, a Guerra de Quarta Geração passa a considerar a “multiplicidade de meios (militares e não militares) empregados na condução da guerra, com ênfase em ações nos campos político, econômico e psicossocial, com prioridade sobre os esforços no campo militar” (VISACRO, 2011, p. 49). A Guerra de Quarta Geração não é mais linear e claramente definida em confronto de forças militares, pois segundo Lind e colaboradores (1989, p. 23) “usarão de muitas ferramentas diferentes para combater, não se restringindo ao que reconhecemos como sendo forças militares”.

A quebra do monopólio militar nas ações bélicas abre-se para “destacada participação de atores não estatais antes, durante e após o desdobramento de tropas: mídia, organismos humanitários e agências do terceiro setor” (VISACRO, 2011, p. 50). Para tanto, há a ampliação das definições de “segurança e defesa: [como] conceito mais amplo e complexo, de caráter permanente, que transcende a esfera militar, caracterizando a interdependência de todos os campos do poder nacional” (VISACRO, 2011, p. 49).

A Guerra de Quarta Geração cresce em complexidade com o aumento das variáveis consideradas, conforme previsto anteriormente por Clausewitz, além de contar com a participação bélica de “muitas entidades diferentes – não apenas os governos de países [...] que o farão por muitas razões distintas, não apenas como ‘uma promoção de políticas por outros meios’” (LIND, 2005, p. 17).

Mesmo sendo fruto de observações empiricamente comprovadas de Willian Lind, não se pode ainda afirmar categoricamente que a ideia de Guerra de Quarta Geração é o novo paradigma no qual as guerras do

pós-Guerra Fria estão situadas. Carece, ainda, de estudos de caso para verificar a veracidade de suas categorias de forma consistente e repetida. O próximo item conduz a um desses estudos de caso com a Segunda Guerra do Golfo, em 2003.

3 A SEGUNDA GUERRA DO GOLFO SOB O PRISMA TEÓRICO DAS GUERRAS DE QUARTA GERAÇÃO

A Segunda Guerra do Golfo foi o conflito armado promovido pelos Estados Unidos e forças aliadas contra o Iraque, em 2003, sob o pretexto de desarmá-lo de armas de destruição em massa, libertar o povo iraquiano da opressão ditatorial de Saddam Housseim e encerrar um programa de desenvolvimento de armas químicas que daria suporte a células terroristas internacionais (PIMENTEL, 2007).

Mesmo sem o aval do Conselho de Segurança das Nações Unidas e da Assembleia Geral da ONU, os Estados Unidos invadiram o Iraque em 19 de março de 2003, com mais de 290 mil homens e, em questão de semanas, a capital Bagdá foi tomada pelos norte-americanos. O presidente do Iraque na época, Saddam Housseim, foi preso em dezembro do mesmo ano, após liderar uma limitada resistência à ocupação americana (PIMENTEL, 2007).

Devido à limitação da existência de fontes históricas consolidadas sobre os fatos da Segunda Guerra do Golfo, a análise da correspondência entre teoria e caso concreto será, partindo das categorias da Guerra de Quarta Geração, a busca da correspondência jornalística aos fatos da Segunda Guerra do Golfo.

Visacro (2011, p. 49) fala da “fragmentação das ameaças, com predomínio de ameaças não estatais. Quebra do pretenso monopólio estatal sobre a aplicação da força coercitiva”. Esse embasamento da Guerra de Quarta Geração encontra eco no texto “Lições a serem aprendidas com a Guerra do Iraque”, de Richard Falk, publicado no sítio da Al-Jazeera (2013):

[...] se os militares americanos e seus aliados atacarem e ocuparem um país não-ocidental - especialmente no mundo islâmico - e começarem a dividir, matar e controlar seus habitantes, a resistência popular será mobilizada. Isto é exatamente o que aconteceu no Iraque, e os atentados suicidas nos dias de hoje sugerem que os padrões de violência extrema não cessarão, mesmo com o fim das atividades militares dos EUA (FALK, 2013).

Os atentados suicidas citados por Richard Falk são promovidos por grupos de resistência popular e alcançam relativo sucesso em seus propósitos. No sítio do New York Times, Dexter Filkins destacou como manchete: “844 militares americanos mortos no Iraque em 2005” (FILKINS, 2013) e, no mesmo espaço, dois anos depois, Damien Cave ressaltou que “2007 é o ano

com mais mortes de tropas americanas no Iraque” (CAVE, 2013).

O que poderia impedir ou, numa hipótese mais realista, diminuir a mobilização da população iraquiana em torno de uma resistência armada seriam as ações de “ênfase na luta pelo apoio da população” (VISACRO, 2011, p. 49). As operações psicológicas de apoio da população iraquiana à ação militar norte-americana, provavelmente iniciadas antes da guerra, são retratadas na entrevista concedida pelo iraquiano Radha Abud Jabir à organização não governamental (ONG) “Projeto Bagdá”⁵. Na entrevista para o sítio daquela ONG, ele diz que

ficamos muito felizes com a chegada dos americanos, porque estávamos vivendo uma situação de terror que ninguém poderia imaginar. Nós ouvíamos todas aquelas histórias de que, quando os americanos chegassem, a vida seria melhor, mas aquilo tudo para nós era apenas um sonho (JABIR, 2004).

Nem sempre os efeitos das operações psicológicas de busca de apoio da população têm o resultado esperado. Para a mesma ONG, o iraquiano Sa’ad al Ajeely (2004) concedeu entrevista no sítio da internet e relatou que

a razão para a resistência é porque os americanos não sabem lidar com a população local. Não estou dizendo que os americanos devam sair, mas que eles devam aprender a lidar com as pessoas da mesma forma com que eles lidam com seus meios de comunicação (AJEELY, 2004).

A Guerra de Quarta Geração tem como uma das características ser midiática, tanto para a sociedade diretamente ocupada quanto para a que promove a ocupação. Com este claro objetivo de “auferir resultados psicológicos [e] afetar a opinião pública” (VISACRO, 2011, p. 54), o Exército norte-americano possui, em sua organização institucional, uma Divisão de Exército voltada para o contato com a imprensa. No sítio do próprio Exército Americano, está explícito o propósito dessa divisão, que é “aumentar a consciência pública e o entendimento das missões do Exército” (UNITED STATES ARMY, [20--?], tradução nossa). Nesse mesmo sítio há um espaço dedicado às análises de jornalistas civis sobre as operações militares e é em uma dessas análises que se verifica a importância dada às relações com órgãos de imprensa e os esforços em controlar o que é divulgado a respeito das operações militares. Timothy Cunningham (2010) escreve naquele sítio que

o Comandante das Forças Armadas dos EUA no Iraque General Odierno informa à imprensa em geral com notícias sobre o Iraque. Mas outras lideranças

civis e militares devem também envidar esforços para fazer a comunicação estratégica chegar até a mídia contemporânea. Eles também devem acompanhar como o universo da mídia vai continuar evoluindo (CUNNINGHAM, 2010).

Não somente em relação aos meios de comunicação, mas também aos outros aspectos das Guerras da Quarta Geração, tais como a “multiplicidade de meios (militares e não militares) empregados na condução da guerra, com ênfase em ações nos campos político, econômico e psicossocial, com prioridade sobre os esforços no campo militar” (VISACRO, 2011, p. 49), a Segunda Guerra do Golfo mostrou que não pode ser vencida apenas com operações militares, mas

a guerra de contrainsurgência somente pode ser vencida se [...] 80% das intervenções militares norte-americanas devem ser voltadas para aspectos não militares do bem-estar das sociedades: manutenção da rede elétrica, proteção policial, construção de escolas, remoção de lixo e entulho e ações nas áreas de saúde e trabalho (FALK, 2013).

Ou seja: a integração entre elementos militares e não militares do governo norte-americano com outros organismos internacionais de fomento à educação, saúde e segurança pública são essenciais para o sucesso pretendido numa Guerra de Quarta Geração.

Sendo assim, a “destacada participação de atores não estatais antes, durante e após o desdobramento de tropas: mídia, organismos humanitários e agências do terceiro setor” (VISACRO, 2011, p. 50) torna-se presença constante nas operações militares de Quarta Geração. Na Segunda Guerra do Golfo de 2003, segundo sítio da própria fundação, a “UNICEF pediu medidas urgentes para deter o que acredita ser a causa da queda do estado nutricional das crianças iraquianas” (UNICEF, 2003) com base em relatórios elaborados antes do início da guerra. Outro organismo presente nesse conflito foi a “Médicos Sem Fronteira”, que num posicionamento mais audaz

desafia o governo dos EUA tanto a cooptar outras agências de ajuda humanitária para o esforço de guerra quanto a cumprir com suas responsabilidades de potência ocupante, como determina a lei humanitária internacional, e proporcionar assistência médica adequada aos civis (MÉDICOS SEM FRONTEIRAS, 2003).

Outro ator não estatal diretamente envolvido com a Segunda Guerra do Golfo de 2003, mas sem a mesma projeção internacional das duas últimas citadas é o “Projeto Bagdá: cem vozes e cem rostos para contar uma história sobre a guerra”. Desenvolvido por dois jornalistas com experiência em cobertura de guerras, o projeto dessa organização sem fins lucrativos tem como finalidade dar voz a parcelas da população iraquiana diretamente afetadas pela guerra e mostrar um outro lado da história,

⁵ *The Baghdad Project: One Hundred Voices and One Hundred Faces To Tell You A Story About War* (Projeto Bagdá: cem vozes e cem rostos para contar uma história sobre a guerra, tradução nossa). Disponível originalmente em: <<http://www.baghdadproject.com>>.

em geral desconhecido pelos que acompanham o conflito apenas pela mídia. Em seu sítio na rede mundial de computadores, encontram-se entrevistas e fotos de cidadãos iraquianos com relatos pessoais de como a guerra mudou suas vidas, sendo fonte para citações neste artigo.

Por fim, o Conflito de Quarta Geração “é visto, simultaneamente, como fenômeno político e social” (VISACRO, 2011, p. 49). Um dos dados desconsiderados no Paradigma Clausewitziano que o novo modelo teórico traz à tona é o aspecto social no fenômeno da guerra. Todas as preocupações em termos de saúde, segurança pública, assistência às populações afetadas pelo conflito e a tentativa de angariar apoio para a própria causa e diminuir as forças morais da resistência popular podem ser vistas como a confirmação dos fatores culturais e populacionais como variáveis do processo decisório das Guerras de Quarta Geração.

Assim sendo, todos os pontos levantados por Alessandro Visacro como basilares do modelo de Guerras de Quarta Geração e argumentados neste trabalho como contrapartida ao Paradigma Clausewitziano encontraram passagens relacionadas na Segunda Guerra do Golfo. Inúmeras outras podem ser levantadas e abordadas, bastando uma pesquisa mais ampla em fontes jornalísticas, o que apenas reforçaria a hipótese de que a Segunda Guerra do Golfo pode ser vista como um conflito da Quarta Geração de Guerras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste artigo foi a de verificar a aplicabilidade da Teoria de Guerras da Quarta Geração para a Segunda Guerra do Golfo de 2003, utilizando-se do método dedutivo. Após a análise dos argumentos expostos no capítulo anterior, e calçado nas demais citações ao longo de todo este trabalho, nota-se que a Teoria de Guerras da Quarta Geração é um escopo teórico válido para análise da Segunda Guerra do Golfo de 2003. A Teoria das Guerras de Quarta Geração teve grande destaque e recorrência nas revistas especializadas justamente por refletir fidedignamente a nova geração de conflitos armados.

Observa-se numa rápida leitura das revistas especializadas, em especial a publicação *Military Review* do *US Army Combined Arms Center* que, ao invés de refutarem a Teoria da Quarta Geração de Conflitos, a maioria dos artigos publicados gravitam em torno dessa temática confirmando-a. No período das publicações (1989-2013) utilizadas por este autor, não havia quaisquer outras propostas confrontantes à teoria de Quarta Geração de Conflitos. A explicação mais plausível para a alta recorrência do novo modelo em publicações são as confirmações empíricas das previsões de Lind de 1989 nos conflitos do pós-Guerra Fria. Porém, para a ratificação em definitivo dessa nova teoria são necessárias tanto a

ampliação do debate teórico no meio acadêmico quanto a confirmação da sua validade em outros estudos de caso.

Mesmo que as categorias apresentadas pela teoria da Guerra de Quarta Geração sejam válidas para as guerras da atualidade, seu arcabouço teórico carece de maior embasamento histórico, aprofundamento e maiores estudos para detalhá-las, conforme crítica do então Major do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos Kenneth McKenzie (1993, p. 53-55) sobre a metodologia e a fundamentação histórica de William Lind. As definições propostas por Lind em 1989 precisam ser testadas mais vezes em outros estudos de caso, ainda hoje escassos, para consolidar a teoria.

Quem também criticou as bases conceituais do modelo de Quarta Geração foi Echevarria II (2005). Segundo esse autor, William Lind somente unificou várias propostas teóricas num único apanhado de ideias, sem trazer nenhuma novidade conceitual. Entretanto, a crítica seria mais contundente se focasse o fato de que as previsões da teoria de Quarta Geração teriam igual probabilidade de não se concretizarem por serem visionárias, e que, se a teoria acertou em suas previsões mesmo sem a ratificação acadêmica, isto se deu por obra do acaso.

Uma consequência da superficialidade teórica e metodológica é que, por não conter solidez conceitual nem estudos de casos concretos em quantidade e variedade de guerras nas quais se possa corroborar a aplicabilidade desse modelo teórico, não se deve criar a expectativa de que a teoria de Guerras da Quarta Geração por si só estabeleça um novo paradigma de estudos sobre a guerra a ponto de suplantarem o Paradigma Clausewitziano.

O Paradigma Clausewitziano, após a confecção do estado da arte, mostrou-se ainda coerente e abrangente em diversos pontos, com profundidade conceitual e verossimilhança com as ações dos atores internacionais nos conflitos armados, necessitando apenas de algumas retificações. E é no campo das atualizações ao Paradigma Clausewitziano que o modelo teórico de Guerras de Quarta Geração melhor se encaixa.

A combinação entre o Paradigma Clausewitziano e a Teoria de Guerras de Quarta Geração indica o provável escopo teórico que melhor descreva os próximos conflitos armados com maior exatidão. Essa combinação é facilitada em virtude das semelhanças metodológicas (empirismo e método dedutivo), das motivações de ambos os formuladores das teorias (militares que estavam em meio a uma Revolução em Assuntos Militares) e das finalidades dos trabalhos em tentar descrever como serão as próximas guerras e como melhor preparar-se para elas.

Os centros de estudos de política internacional e de defesa no Brasil devem observar atentamente os ensinamentos colhidos por outros países que costumam envolver-se em guerras e fomentar estudos no sentido de adaptar esses ensinamentos à realidade brasileira. Por ser um país de vocação pacífica, é fundamental o aproveitamento de experiências das nações mais

belicosas para não incorrer no erro de manter os sistemas de segurança e defesa desatualizados frente à realidade internacional. Daí, um estudo como o deste artigo ser relevante para o meio acadêmico nacional e para a adequação da Política Nacional de Defesa para os possíveis confrontos em que o Brasil possa se envolver.

REFERÊNCIAS

AJEELY, S. A. **Feelings of Iraqis reflected in 'Baghdad Project'**. Bagdá: [s.n.], 2004. Disponível em: <<http://www.aliraqi.org/forums/archive/index.php/t-30382.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

CAVE, D. 2007 is deadliest year for U.S. troops in Iraq. **New York Times**, New York, 7 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2007/11/07/world/middleeast/07iraq.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

CLAUSEWITZ, C. von. **Da Guerra**. Rio de Janeiro: EGN, [1984?]. Tradução do inglês para o português por Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. Disponível em: <<https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2012;

CORREIA, P. P. Repensar a guerra: o fim do monopólio clausewitziano. **Revista Janus**, Coimbra, 2002. Disponível em: <janusonline.pt/docs2002/artigo_janus2002_1_1_2.doc>. Acesso em: 18 dez. 2012.

CRENSHAW, M. Explaining Terrorism: Causes, Processes and Consequences. **Routledge**, Nova Iorque, 2011. Disponível em: <<http://www.start.umd.edu/publication/explaining-terrorism-causes-processes-and-consequences>>. Acesso em: 28 fev. 2012. Resumo.

CUNNINGHAM, T. Strategic Communication in the New Media Sphere. **Joint Force Quarterly**, Washington, issue 59, 4th quarter, 2010. Disponível em: <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/jfq/cunningham_strat_comm_new_media.pdf>. Acesso em 14 mar. 2013.

ECHEVARRIA II, Antulio J. Fourth Generation War and other myths. **Strategic Studies Institute of US Army War College**. Carlisle, PA, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdf/files/pub632.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2012;

EVOLUÇÃO da Arte da Guerra e do Pensamento Militar. In: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Brasil). **Coletânea de Notas Suplementares**. Rio de Janeiro, 2006.

FALK, R. Lessons to be learnt from the Iraq War. **Al-Jazeera**, Doha, 14 mar. 2013. Disponível

em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2013/03/2013361029140182.html>>. Acesso em: 15 mar. 2013. Não paginado.

FILKINS, D. 844 in U.S. Military Killed in Iraq in 2005. **New York Times**, New York, 1º Jan. 2006. Disponível em: <http://travel.nytimes.com/2006/01/01/international/middleeast/01iraq.html?_r=0>. Acesso em: 14 mar. 2013.

HOBBS, T. **O Leviatã**. [Brasília]: dhnet, [20--?]. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. Disponível em: <www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_thomas_hobbes_leviatan.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2013.

JABIR, R. A. **Feelings of Iraqis reflected in 'Baghdad Project'**. Bagdá: [s.n.], 2004. Disponível em: <<http://www.aliraqi.org/forums/archive/index.php/t-30382.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

KEEGAN, J. **Uma História da Guerra**. Companhia das Letras, São Paulo: 2006. Tradução Pedro Maia Soares.

LIND, W. S. Compreendendo a Guerra de Quarta Geração. **Revista Military Review**, Fort Leavenworth, Jan-Fev 2005.

_____. et al. The Changing Face of War: Into the Fourth Generation. **Marine Corps Gazette**, Quantico, VA, Issue 10, v. 73, p. 22-26, Oct 1989. Disponível em: <http://www.dnipogo.org/fcs/4th_gen_war_gazette.htm>. Acesso em: 28 fev. 2012.

MCKENZIE, K. Elegant Irrelevance: Fourth Generation Warfare. **Parameters**, Carlisle, p. 51-60, Autumn 1993. Disponível em: <<http://www.dtic.mil/get-tr-doc/pdf?AD=ADA515609>>. Acesso em: 04 abr. 2013.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. Humanitarian Situation in Iraq. **MSF International Council President Press Conference**, Washington, DC, 2 maio 2003. Disponível em: <<http://www.doctorswithoutborders.org/news-stories/transcript/humanitarian-situation-iraq>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

PIMENTEL, L. P. G. **A Logística Militar Americana na Segunda Guerra do Golfo**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)–Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, RJ, 2007.

RIBEIRO, C. J. de O. As Operações Militares na Era da Informação e da Comunicação. **Proelium**, Lisboa, n. 2, [200?]. Disponível em: <<http://www.academiamilitar.pt/proelium-n.o-2.html>>. Acesso em: 28 fev. 2012.

SILVA, C. E. M. V. da. **A transformação da guerra**

na passagem para o século XXI: um estudo sobre a atualidade do Paradigma de Clausewitz. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2003. Disponível em: <<http://www.arqanalagoa.ufscar.br/tesesdisserta/Disserta%20Caco.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2012.

STEPHENSON, S. A Revolução em Assuntos Militares: 12 observações sobre uma ideia fora de moda. **Military Review** (edição brasileira), Fort Leavenworth, Jul-Ago 2010.

STOCKHOLM International Peace Research Institute. **The SIPRI Military Expenditure Database.** Solna, 2010. Disponível em: <<http://www.sipri.org/yearbook/2010/05>>. Acesso em: 20 set. 2012.

UNICEF. UNICEF: Iraq survey finds child health sliding. **Press Centre**, Baghdad, Geneva, New York, 14 May 2003. Press Release. Disponível em: <<http://www.unicef.org/newsline/2003/03pr34iraq.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

UNITED STATES ARMY. **Office of the Chief of Public Affairs:** media relations division. Washington, DC, [20--?]. Disponível em: <<http://www.army.mil/info/institution/publicAffairs/>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

VISACRO, A. Desafio da transformação. **Revista Military Review** (edição brasileira): Fort Leavenworth, mar-abr 2011.

WILCOX, Gregory. Resposta militar à quarta geração de guerra no Afeganistão. **Military Review** (edição brasileira), Fort Leavenworth, Jan-Mar 2004.

Indicação de Responsabilidade

O conceito de autoria adotado pela CMM está baseado na contribuição substancial de cada uma das pessoas listadas como autores, seguindo as categorias abaixo:

- (1) Concepção e projeto ou análise e interpretação dos dados;*
- (2) Redação do manuscrito ou;*
- (3) Revisão crítica relevante do conteúdo intelectual.*

Com base nestes critérios, a participação dos autores na elaboração deste manuscrito foi:

Luiz Paulo Gomes Pimentel - 1, 2.

Tomaz Espósito Neto - 3.

Recebido em 29 de abril de 2013
Aprovado em 29 de dezembro de 2014